

800, S



80's



fvcb****

fundação vera chaves barcellos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O39

80's / curadoria Vera Chaves Barcellos ; texto José Francisco Alves ; organização e produção Katiana Ribeiro ; revisão Henrique Guerra ; tradução Carolina Paz – Vião: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2022. – 96 p. : il. ; 21 x 16 cm + 7 lâminas.

Catálogo da exposição realizada na Sala dos Pomares da Fundação Vera Chaves Barcellos, de 19 de março a 29 de outubro de 2022.

ISBN 978-65-993215-6-6

1. Arte contemporânea – 1980 (década) – catálogo I. Barcellos, Vera Chaves II. Alves, José Francisco III. Ribeiro, Katiana IV. Guerra, Henrique V. Paz, Carolina VI. Título

CDU 7.038(083.824)

Bibliotecário responsável: Rafael Antunes dos Santos – CRB10/1898

SUMÁRIO

80'S, O QUE FOI VOCÊ? 5

OBRAS 31

ENGLISH VERSION 84

80's

80'S,

O QUE FOI VOCÊ?

JOSÉ FRANCISCO ALVES

Doutor em história da arte, membro da AICA e ICOM

Os anos 80 (1980-1989) representaram um momento de grande efervescência no Brasil e no mundo, o que repercutiu, obviamente, em nível cultural. Década que iniciou para os brasileiros momentos antes, com a abertura política (28 de agosto de 1979) e a volta dos exilados, e que culminou, em nível global, com a queda do infame muro de Berlim (9 de novembro de 1989) e a instauração de uma nova ordem mundial. Portanto, mudanças em vários níveis em relação à situação das décadas anteriores. A década de 1980 foi a última década analógica, pré-celular e pré-internet – em meados da próxima década, a sociedade já vivia a era doméstica dos computadores e o acesso à internet via linha telefônica; no mundo artístico, já se fazia presente o uso digital como linguagem e também como meio de divulgação.

Para a Música Popular Brasileira, os anos 80 foram o seu período, provavelmente, mais profícuo, como fenômeno associado aos protestos e como voz daqueles que não podiam expressar-se (finalmente podiam-se escutar músicas

antes censuradas), bem como refletiu o novo estado de ânimo e a esperança de um país melhor, sem contar a explosão do novo rock and roll, com as bandas jovens. Na Literatura, o período foi de recuperação crítica, surgimento de novos públicos (em especial os jovens) e necessidade de buscar interpretação do que havia ocorrido e sobre o que haveria de ocorrer. Nesse sentido, destacaram-se, na linha de depoimentos, *O que é isso companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, *Feliz ano velho* (1982), de Marcelo Rubens Paiva, e *O amor de Pedro por João* (1982), de Tabajara Ruas. Nas ficções a partir de narrativas pessoais, o significativo *Morangos mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu.

O cinema nos anos 80 adquiriu amadurecimento, com a consolidação e a internacionalização do Festival de Cinema de Gramado e a partir de experiências diversas de diretores das décadas anteriores (Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Arnaldo Jabor e outros). Nesse sentido, novas gerações de cineastas superaram o estigma “Embrafilme” (que tinha como carro-chefe a pornochanchada) e despontaram nos 80, a exemplo de Cacá Diegues, Hector Babenco e Murilo Salles, bem como surgiram produções alternativas premiadas, com Jorge Furtado e a Casa de Cinema de Porto Alegre.

Em tempos de pandemia, e quiçá hoje possamos estar em definitivo descenso da Covid-19, já resta quase esquecido que os 80 trouxeram o pesadelo da AIDS, que durou quase 20 anos a ser controlado, o qual no período ceifou a vida de artistas e intelectuais, no Brasil e no mundo. As artes visuais, assim, em nível global e local, também perderam artistas em plena atividade criadora, profissional, tragicamente interrompida.

Em nível brasileiro, nas artes plásticas surgiu nos 80 um público jovem, bem numeroso, devido em muito ao incremento de cursos universitários de artes plásticas. Na esfera acadêmica,

houve também os princípios da pós-graduação específica em arte. Institucionalmente, novos museus e centros culturais com espaço para a arte surgiram, e a Funarte (criada em 1975 e incrementada com a criação do Ministério da Cultura, em 1985) passou a cumprir importante papel nacional por meio dos programas e atividades do Instituto Nacional de Artes Plásticas (INAP), como o Salão Nacional de Artes Plásticas e o Projeto Macunaíma. Esse contexto do INAP, incluso como modelo, influenciou gestões na virada da década de 80 para 90, com exemplos em São Paulo (Centro Cultural São Paulo, gestão da Secretária da Cultura Marilena Chauí) e Porto Alegre (o IEAVI e seu resultado mais importante, a criação do MAC-RS, em 1992).

No mercado de arte, os 80 pontuaram pelo significativo número de galerias e publicações de arte (locais e nacionais), em especial pela criação de galerias voltadas exclusivamente à arte contemporânea (diferenciando-se do comércio de arte e antiguidades), algumas ativas até o presente. Era quase um entendimento, um esboço de mercado nacional, com muitos artistas e espaços institucionais sintonizados com a nova situação, galerias de arte e uma nova geração de colecionadores. No Rio de Janeiro, a Thomas Cohn abriu em 1983, no contexto da chamada “Geração 80” (Daniel Senise, Luiz Zerbini, Beatriz Milhazes, Leda Catunda, Leonilson e outros), espaço focado na pintura, em uma espécie do “confronto” com os *conceituais*. Em São Paulo, podemos citar as Galerias São Paulo (Regina Boni, 1981) e Galeria Millan (André Millan, 1986). Em Porto Alegre, três galerias surgidas no período mantêm-se até o presente, com maior ou menor atividade expositiva: a Bolsa de Arte, fundada em 1980 por Roberto Silveira (depois radicado em São Paulo e lá falecido este ano), a Tina Zappoli (antes Galeria Tina Presser, fundada

por Décio e Tina Zappoli) e a Arte & Fato, criada em 1984 por Milton Pereira Couto (1947-2004) e Décio Presser. A última já surgiu imbuída do contexto de apresentar e “estrear” novos artistas, boa parte bem jovem, garimpada como novidade em salões de arte e cursos universitários.

Nos 80 também surgiu no Brasil a nova peça no sistema de arte mundial, que veio a tornar-se preponderante: o curador, sendo a Bienal de São Paulo o carro-chefe da novidade de denominar o que já estava sendo feito há décadas por artistas, críticos de arte e gestores. No Rio Grande do Sul, a figura do curador, tal qual a entendemos hoje, apareceu de forma mais consistente via MARGS, com a exposição retrospectiva de Iberê Camargo (“Trajetória e Encontros”), em fins de 1985, quando duas mulheres, Evelyn Ioschpe e Icleia Cattani, assinaram a curadoria da mostra; curadoria aqui, entendida no sentido mais estrito, com exposição resultado de um *projeto curatorial* (pesquisa e organização crítica da obra do pintor, no caso). Esta também foi uma mostra com a primeira produção de fôlego criada em Porto Alegre, e com itinerância em importantes locais no Brasil, de forma significativa e com repercussão, ao longo de 1986. E tudo isso resumia-se ao almejado pelo contexto dos 80 nas artes visuais: acompanhar mais de perto as tendências mundiais e instituir um sistema profissional de arte, com instituições, escolas, publicações (revistas periódicas de circulação nacional em bancas e livros de arte viabilizados pela Lei Sarney) e mercado consistente.

Assim, o entendimento dos impactos das mudanças globais e locais na arte é sempre um trabalho a ser feito, com novos aportes e pesquisas, em especial por meio de exposições e suas documentações e reflexão (catálogos). Numa época encarada como *vintage* [anos 80], como muitos referem-se,

há que se identificar dessa época os aspectos que marcaram as artes visuais. No início desse século, já em 2003 (a exemplo do MAM-SP), começaram as mostras retrospectivas da “Geração 80”, com o forte pendor saudosista (por que não?), a tentar compreender aquele período. Entre os pontos de vista a refletir sobre os 80, como pensamento crítico, podemos tanto considerar o período como o encerramento de uma era (analógica), ou a sua projeção no(s) período(s) seguinte(s), de globalização intensa e conexão onipresente pela tecnologia, como também o viés de um olhar para a linguagem em si, eis que o país já respirava os ares democráticos (a sociedade recuperava seus meios, novos partidos, incluso proscritos, novas ideias, a vez da democracia) e a arte estava mais liberada da missão de falar pelos que não podiam expressar-se. Assim, houve um “retorno” às contribuições e questões de linguagem, às investigações dos próprios artistas como preocupações intrínsecas de seus problemas artísticos ou como resposta própria dos criadores a um determinado contexto político, social, institucional e mercadológico.

Para quem viveu a década, tem-se a impressão em vista retrospectiva de que a produção foi muito intensa, especialmente ao se levar em conta os meios que se tinha; há uma forte sensação de que tudo o que foi feito no período foi essencial, pois muitos da época permanecem, artistas em atuação e sua produção, mesmo os que nos deixaram precocemente, como antes referido. Os artistas que entraram na década de 1980 já consagrados, bem como os nela gestados, não se “perderam” nas seguintes: estão ativos até hoje ou estiveram por um período relativamente longo. Salvo melhor juízo, algo diferente se passou nas três décadas seguintes (1990-2020), se vislumbrarmos os enormes meios, recursos e oportunidades disponíveis, as instituições, escolas

de arte com suas graduações e pós-graduações, o incremento da arte contemporânea em importante fatia do mercado de arte, resultando num boom de exposições e curadorias a mil, sem precedentes, que revelaram, ao final das contas, arte em demasia e artistas por demais efêmeros em alcance e atuação. A maior parte da arte brasileira que produz com consistência, a produção que conquistou a arte “internacional”, inclusive, é fruto, ainda, em sua boa parte, da geração maturada e/ou descoberta nos anos 80.

Nas questões de linguagem, há entre os consensos que nos 80 houve uma “recuperação” da pintura. E com todo o sentido, pois ela iniciou a década com a impressão de estar com “os dias contados”, pois o seu território estava sendo cedido, aos poucos, quase que inapelavelmente, à experimentação, aos conceitualismos (para que pintar, se a ideia “já dá conta?”), a instalações, fotografias e performances: ao destino quase certo da desmaterialização da arte; ao final dos 80, a pintura se apresentou renovada, visceral, focada no mundo matérico das superfícies, pinceladas vigorosas e cores intensas, ainda fazendo impor-se no mercado. Entre os motivos para isso, o contexto supramencionado da “liberação” do fazer político, dar a voz aos que não podiam; afinal, as longas ditaduras caíram não só na América do Sul e no Leste Europeu, mas também em Portugal e Espanha, em 1975, e o câmbio de foco de respostas dos artistas. Essas novas preocupações/recuperações de linguagem se viram presentes em tendências coletivas, como a Transvanguarda italiana, e expressões individuais, como Anselm Kiefer e Joseph Beuys.

A “sobrevivência” e o “revigoramento” da pintura viu-se no Brasil simbolizada na 18.^a Bienal Internacional de São Paulo, sob a curadoria de Sheila Leirner, na qual exibiu-se

como destaque a “Grande Tela”, que marcou o evento em nossa história da arte. A “Grande Tela”, como ficou conhecida a estrela da exposição, foi uma polêmica e ousada expografia, resultado do projeto curatorial, exibida em um gigantesco corredor. Lado a lado, 48 pintores, desde brasileiros jovens (Paulo Monteiro, Nuno Ramos, Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez e Rodrigo Andrade) a nomes já reconhecidos (Jorge Guinle, Leonilson, Daniel Senise e Leda Catunda), junto com estrangeiros, a exemplo de Guilherme Kuitca e Paula Rego. Essa polêmica bienal, sob curadoria de Sheila Leirner, mais do que outras, deu grande destaque à pintura em grandes formatos, como as obras de Helmut Middendorf, Salomé, Luis Gordillo e Dokoupil, além da seção especial dedicada ao grupo Cobra. O Brasil teve como estrela a pintura nas mostras “Pintura como meio” (MAC-USP, 1983), “Como vai você geração 80” (Parque Laje, Rio de Janeiro, 1984) e, após a 18.^a Bienal, a exposição “Imagem de Segunda Geração” (MAC-USP, 1987).

Apesar de a pintura no Brasil ter-se revigorado no período, como visto, os anos 80 podem ser considerados como uma “década escultórica”. Pois também a escultura [e a instalação] brasileira mostrou-se revigorada, em geração de peso consolidada, a exemplo de Cildo Meireles, José Resende, Waltercio Caldas, Tunga, Iole de Freitas, Ivens Machado e Carlos Fajardo, e jovens como Nuno Ramos e Ângelo Venosa. Escultura e instalação com nova visibilidade, múltiplas formas e materiais não tradicionais, assumindo por vezes o espaço de forma ambígua – interagindo com a pintura e outras linguagens, com frequência com uma vocação objetual. Aliás, não por acaso, esse foi o tema de uma exposição recente (outubro de 2021), promovida pela Fundação Serralves, sediada no Porto, em Portugal, com o tema – e sob o título – “O Regresso do

Objeto: Arte dos Anos 1980 na Coleção de Serralves". Porém, o primeiro lugar do 11.º Salão Nacional de Artes Plásticas (1989) coube à pintura de Paulo Pasta, que fechou os anos 80 com certo grau de polêmica, em torno desse mesmo evento.

A fotografia nos 80 seguiu o seu ganho de espaço, que já vinha acontecendo desde a década anterior, linguagem que também, paulatinamente, passou a ser utilizada por elevado número de jovens. Para se ter uma ideia, no Instituto de Artes da UFRGS, naquela década, passou a existir a *habilitação* em Fotografia no curso de bacharelado em Artes Plásticas, ao mesmo nível de Pintura, Escultura, Cerâmica, Gravura e Desenho, especialidades essas extintas, dando lugar em 2007 a um bacharelado generalista em "Artes Visuais". A disseminação dos equipamentos mais acessíveis de vídeo nos 80 (VHS e similares) igualmente alargou as possibilidades da mídia, entre edições e produções mais profissionais até experimentalismos de ateliê, com o irresistível atrativo da imagem e do som se instalando também nas artes plásticas.

O desenho e a gravura nos 80 igualmente seguiram firmes, ganhando mais espaço ainda, tanto institucionalmente quanto no mercado de arte, com mais reconhecimentos e o incremento de exposições individuais nessas linguagens – em museu e galerias comerciais, bem como de salões de arte específicos, nacionais e internacionais, facilitados pelo envio das obras até mesmo pelos Correios. Uma das promoções mais importantes realizadas no Rio Grande do Sul nos 80, pelo MARGS, foi o mais importante (e polêmico) salão de desenho já realizado no Brasil até o presente – o *Salão Caminhos do Desenho Brasileiro* (1986) –, cujo primeiro prêmio coube a Tunga.

A exposição **80's**, produzida e apresentada pela FVCB, busca reviver produções exemplificativas que marcaram o

período, a partir de obras de seu acervo (inclusive com a estreia de aquisições recentes) e de trabalhos sob empréstimos de coleções e dos próprios artistas. Em sua maioria, trabalhos de artistas brasileiros que lidaram com essas e outras questões do período, mas também de estrangeiros aqui radicados ou ligados de alguma forma ao Brasil.

Um desses é Rufino Mesa, espanhol que também se destaca em seu país pela produção escultórica, e que apresenta dois desenhos, sendo um deles um projeto do que viria a se tornar uma das inúmeras esculturas da série *Ocultaciones*. Outra obra em desenho que compõe a mostra é *Adão*, de Carlos Pasquetti, onde todos os característicos de humor e estranheza que acompanham toda a sua trajetória já se fazem presentes. Elaine Tedesco, com desenhos de grande formato e excepcional qualidade gráfica, assim como o grafismo de Elida Tessler.

Logo à entrada do espaço expositivo, uma pintura sobre papel de Iberê Camargo, encontra-se muito bem acompanhada por duas pinturas da série *Macios*, de Anna Bella Geiger. No piso térreo da exposição, onde exibe-se quase exclusivamente pinturas e esculturas, abre-se uma exceção ao apresentar-se uma icônica serigrafia de Rubem Valentim. Sobre a escada de acesso ao andar superior (mezanino), instalou-se a litografia de Antonio Dias.

No mezanino, Wilson Cavalcanti, comparece com um desenho abstrato de linha expressionista, Mario Azevedo com uma pequena paisagem celeste, em tons de azul, Anna Barros, com objetos em plástico e tecido, e Michael Chapman, com uma composição com ritmos repetitivos em um desenho e colagem. Em uma dupla vitrine, um acúmulo de pequenas pinturas sobre papel de Lenir de Miranda, com o seu recorrente

tema sobre as aventuras Ulisses. Ainda no mezanino, gravuras de Maria Lucia Cattani e Regina Ohlweiler, uma escultura em papel machê e um desenho de teor feminista, de Magliani, duas pinturas figurativas sobre papel, portadoras de forte cromatismo, de Mário Röhnelt e Milton Kurtz, assim como as pinturas de Romanita Disconzi e Tatiana Pinto.

Voltando ao térreo, temos ainda uma despojada pintura sobre papelão corrugado, de Alfredo Nicolaiewsky, a pintura a óleo de Alphonsus Benetti, a acrílica de Ana Alegria, de grande equilíbrio formal e cromático, as pinturas grafitadas em vermelho e preto, de Frantz, duas sensíveis obras da série dos lobos, de Heloisa Schneiders da Silva, e um díptico em vermelho de Karin Lambrecht. Maria Tomaselli tem uma de suas pinturas de grande formato, onde mescla figuras humanas a animais fantásticos.

Da presença de escultura na exposição, podemos citar: o catarinense Alberto Luz, com apropriação e intervenção em uma perna de manequim; Luiz Gonzaga, uma figura feminina em resina; Mauro Fuke, com objeto construído em madeira e outros materiais; Patricio Farias com suas construções insólitas de uma nova ordem objetual/escultórica; Ione Saldanha, com a ambiguidade de um objeto/pintura em uma de suas ripas, e quase o mesmo se diria de Hamilton Galvão, com um trabalho de parede que mescla objeto e pintura. Sonia Moeller apresenta um objeto têxtil (dobraduras de papel), linguagem muito promissora nos 80's, no Rio Grande do Sul e Uruguai, e Vera Chaves Barcellos, em uma de suas linhas de trabalho icônicas, as fotografias manipuladas em montagem com outros elementos, no caso desta mostra em conjunção com luz e carvão.

O percurso é completado no ambiente da Sala dos Pomares destinado à exibição de audiovisuais, com vídeos de

Lenora de Barros e Romanita Disconzi, bem como o de autoria da tríade Elaine Tedesco, Marion Velasco e Lucia Koch.

Assim, a exposição **80's** compreende ao todo 48 obras que ilustram a multiplicidade de linguagens, os interesses plásticos e as mudanças de contexto nacional e global que marcaram a década. Esta mostra, vista agora em retrospectiva, e na distância suficiente para uma análise, atesta as contribuições artísticas que reverberam com força e ainda hoje nos representam.





80s

A ARTE DOS ANOS 80

A Fundação VCB apresenta um recorte dos anos 80, década que já atingiu o status de vintage. Uma produção intensa nos dá a sensação de que tudo o que foi feito no período foi essencial – os artistas consagrados ou gestados nessa época não se “perderam”, eles permaneceram. A arte brasileira nos anos 80 acompanhou o contexto, com o país recomeçando a respirar a democracia (anistia, volta dos exilados) com fundo musical da MPB.

O artista experimental, pop e sob censura dos anos 70 se transformou, nos 80, em um novo artista, mais profissional. Isso foi resultado de alguns fatores: o incremento da arte universitária (e mais aberta), o mercado e suas inúmeras galerias, a efervescência cultural, a criação do MinC e o posterior surgimento de inúmeras instituições.

Com voz política, a arte brasileira pode se debruçar mais nas questões da linguagem. A pintura, antes “com os dias contados”, se apresentou renovada, visceral, focada no mundo material das superfícies, com pinceladas vigorosas e cores intensas. A escultura, com nova visibilidade, múltiplas formas e materiais não tradicionais. A década de 80 começou analógica e terminou com os primeiros experimentos digitais – o pixel como arte e a imagem em movimento acessível à ampla gama de artistas.

Estas obras da coleção da FVCB e de artistas convidados – na maioria brasileiros, mas também de estrangeiros radicados no Brasil ou vinculados a nosso país – lidam com essas questões e representam com versatilidade a expressiva arte dessa década.

José Francisco Alves



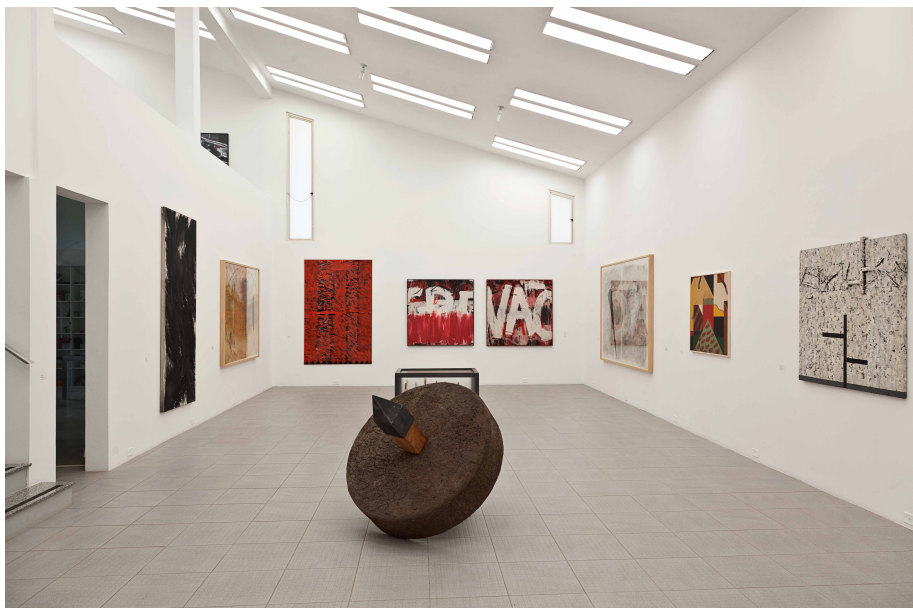




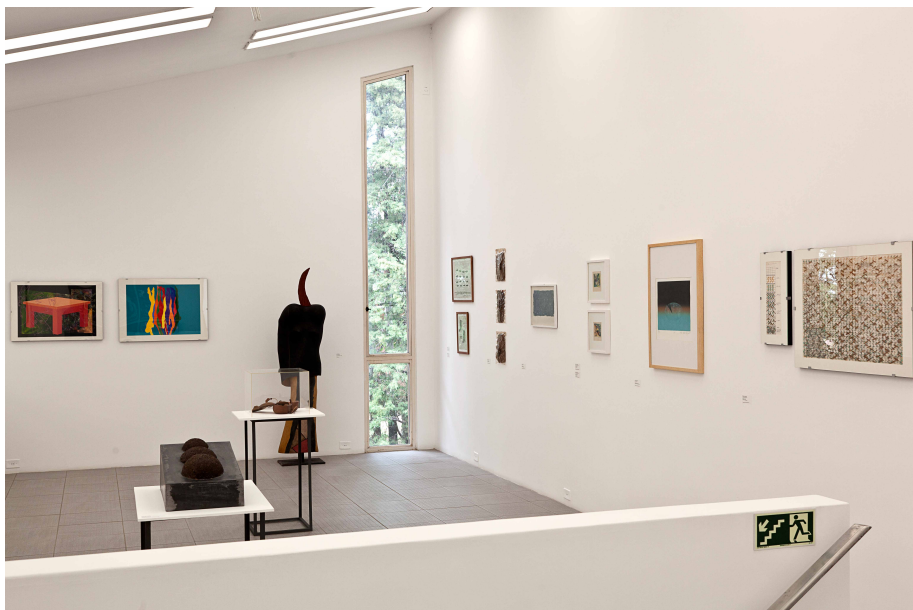


















80's

OBRAS



Tatiana Pinto, Rio de Janeiro, 1947
Muito, 1986
Acrílico sobre tela
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Ana Alegria, Porto Alegre, 1947
Sem título, da série *Modelos para armar*, 1985
Acrílica sobre tela
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Alphonsus Benetti, Faxinal do Soturno, 1953
Sem título, 1987
Óleo sobre tela
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Alfredo Nicolaiewsky, Porto Alegre, 1952

Sem título, 1988

Acrílico sobre sucata de papel montada sobre painel

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Anna Bella Geiger, Rio de Janeiro, 1933
EW 18 Curva Cubista, da série *Macios como ilusões abstratas*, 1988
Acrílica sobre tela
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Anna Bella Geiger, Rio de Janeiro, 1933

EW 18 com azuis e ocre, da série *Macios como ilusões abstratas*, 1981

Óleo e acrílica sobre tela

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Heloisa Schneiders da Silva, Porto Alegre, 1955 – 2005
Silêncio na Tundra, 1985
Óleo sobre tela
Coleção Edson Sousa e Elida Tessler



Heloisa Schneiders da Silva, Porto Alegre, 1955 – 2005

Silêncio na Tundra/Chamado, 1985

Óleo sobre tela

Coleção particular



Karin Lambrecht, Porto Alegre, 1957
Rumo ao Sol, 1983
Tinta acrílica sobre tela
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Elida Tessler, Porto Alegre, 1961

Sem título, 1988

Pastel artesanal sobre papel

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Frantz, Rio Pardo, 1963
Sem título, 1986
Acrílica sobre tela, vinil e spray
Coleção Delson Luiz Martini



Frantz, Rio Pardo, 1963
Sem título, 1985
Acrílica sobre tela, vinil e spray
Coleção do artista



Elaine Tedesco, Porto Alegre, 1963
Sem título, 1989
Técnica mista sobre papel Canson amassado
Coleção da artista



Elaine Tedesco, Porto Alegre, 1963

Sem título, 1989

Técnica mista sobre papel Canson amassado

Coleção da artista



Carlos Pasquetti, Bento Gonçalves, 1948

Adão, 1980

Desenho a pastel e recorte

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Romanita Disconzi, Santiago, 1940
Sem título, 1981
Acrílica sobre madeira
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

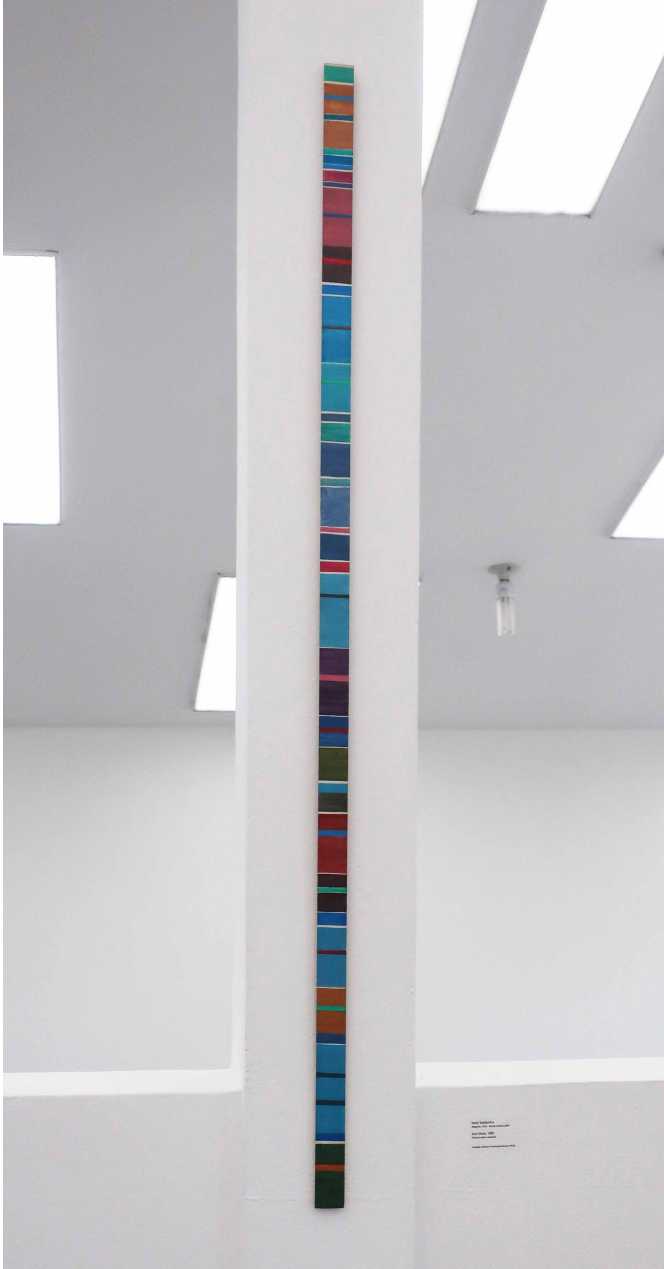


Lenir de Miranda
ITHACA, da série *Ulisses/Joyce*, 1986





Lenir de Miranda, Pedro Osório, 1945
ITHACA, da série *Ulisses/Joyce*, 1986
Tinta acrílica sobre cartão
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

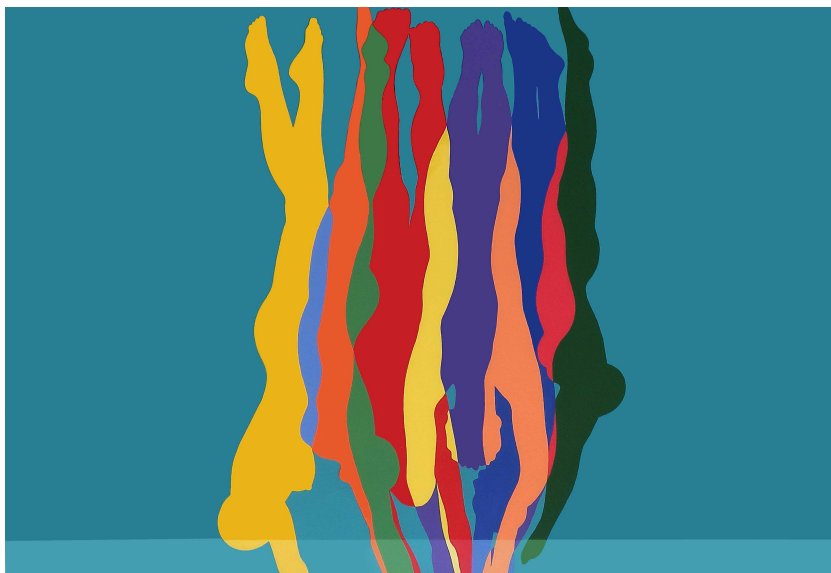


Ione Saldanha, Alegrete, 1919 – Rio de Janeiro, 2001

Sem título, 1982

Pintura sobre madeira

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

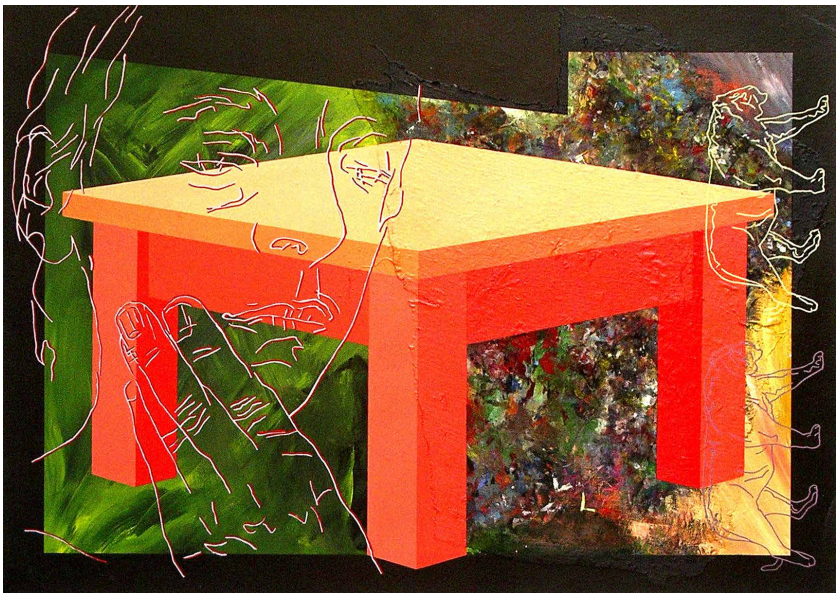


Milton Kurtz, Santa Maria, 1951 – Porto Alegre, 1996

Feixe, 1989

Acrílico sobre cartão

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Mário Röhnel, Pelotas, 1950 – Porto Alegre, 2018

Sem título, 1986

Colagem, decco acrílica em papel acua

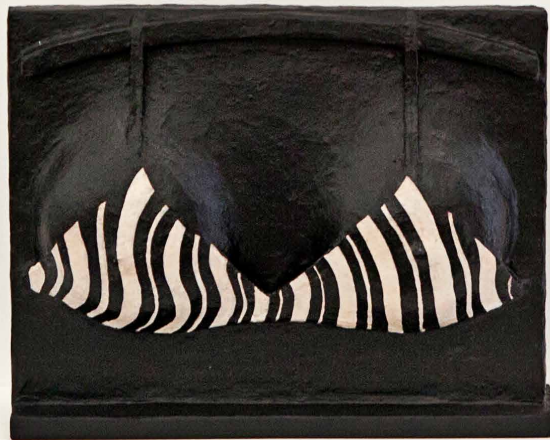
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Luiz Gonzaga, Júlio de Castilhos, 1940
Lua, mulher, perfume, 1985
Escultura em resina
Coleção do artista



Maria Lúcia Magliani, Pelotas, 1946 – Rio de Janeiro, 2012
Sem título, 1983
Pintura sobre papel
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Maria Lúcia Magliani, Pelotas, 1946 – Rio de Janeiro, 2012
Sem título, 1984
Papel machê e elástico sobre madeira
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Alberto Luz, Blumenau, 1930 – 2007

Sem título, 1981

Perna de manequim, sapato e interferências em técnica mista
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Hamilton Viana Galvão, João Pessoa, 1954

Sem título, 1988

Massa acrílica sobre tela e colagem de galhos e sarrafos

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Anna Barros, São Paulo, 1931 – 2013
Sem título, 1983 – 1986
Plástico, tecido e silicone
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Regina Ohlweiler, Porto Alegre, 1954

Dama de Gravata, 1981

Gravura em metal

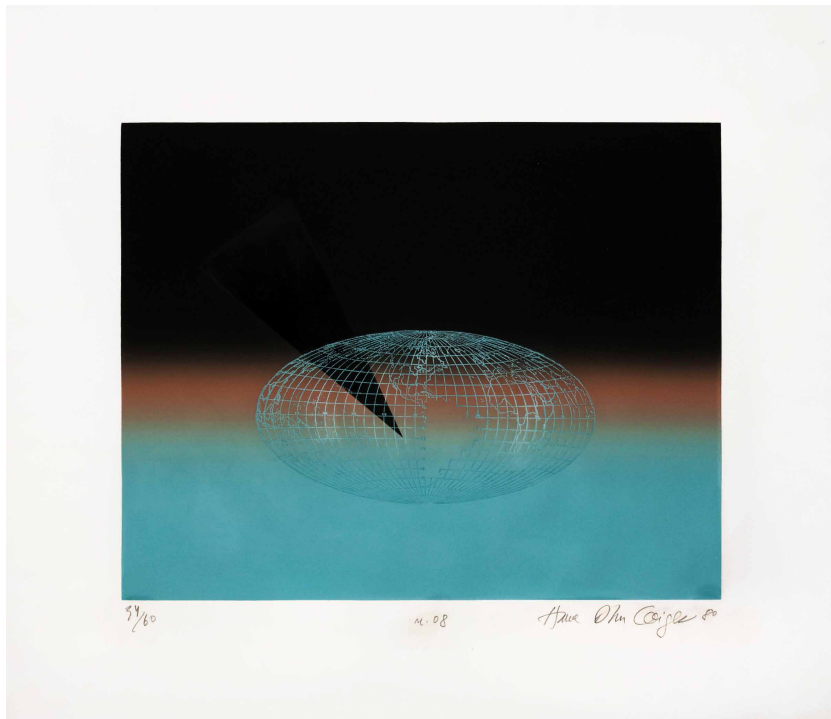
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Maria Lucia Cattani, Garibaldi, 1958 – Porto Alegre, 2015
Sem título, 1982
Gravura em metal
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Maria Lucia Cattani, Garibaldi, 1958 – Porto Alegre, 2015
Sem título, 1982
Gravura em metal
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Anna Bella Geiger, Rio de Janeiro, 1933

Local da ação nº8, 1980

Fotogravura em metal, clichê e serigrafia

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Mário Azevedo, Ubá, 1957
Céu de Verão, 1982
Desenho sobre papel artesanal
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Iberê Camargo, Restinga Seca, 1914 – Porto Alegre, 1994

Sem título, 1982

Guache sobre papel

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Maria Tomaselli, Innsbruck, Áustria, 1941
Conversas, 1986
Acrílica sobre tela
Coleção da Galeria Duque Espaço Cultural



Antonio Dias, Campina Grande, 1944 – Rio de Janeiro, 2018

Sem título, 1985

Litogravura

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Rubem Valentim Salvador, 1922 – São Paulo, 1991

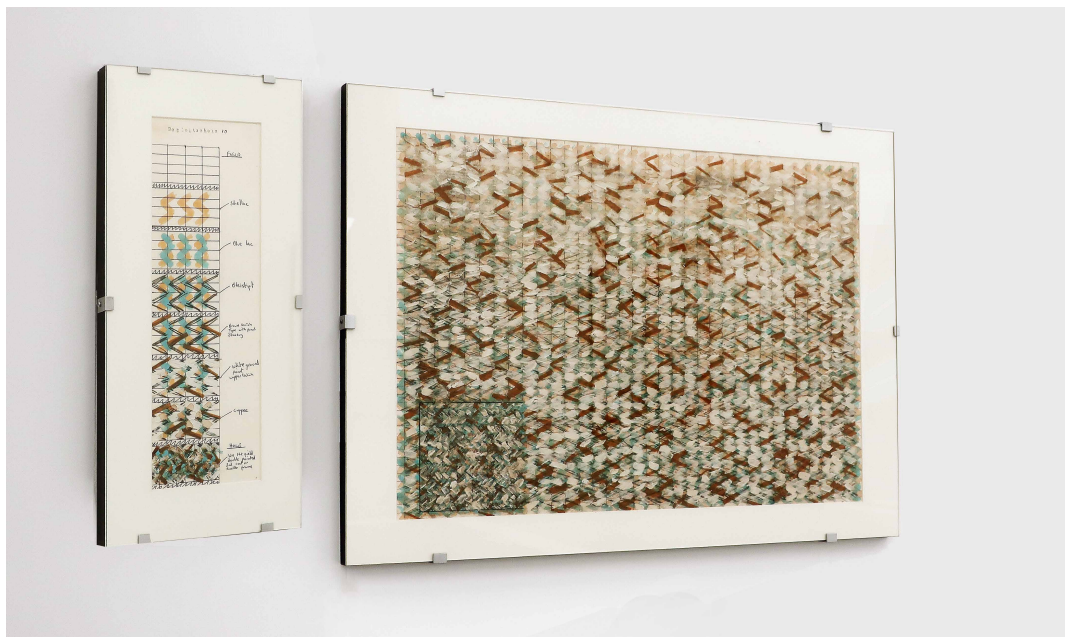
Símbolos, 1989

Serigrafia

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Sonia Moeller, Porto Alegre, 1942
Pátio Interno nº5, da série *Nos Domínios do Castelo*, 1988
Montagem com dobraduras de papel
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Michael Chapman, Caversham, Inglaterra, 1948

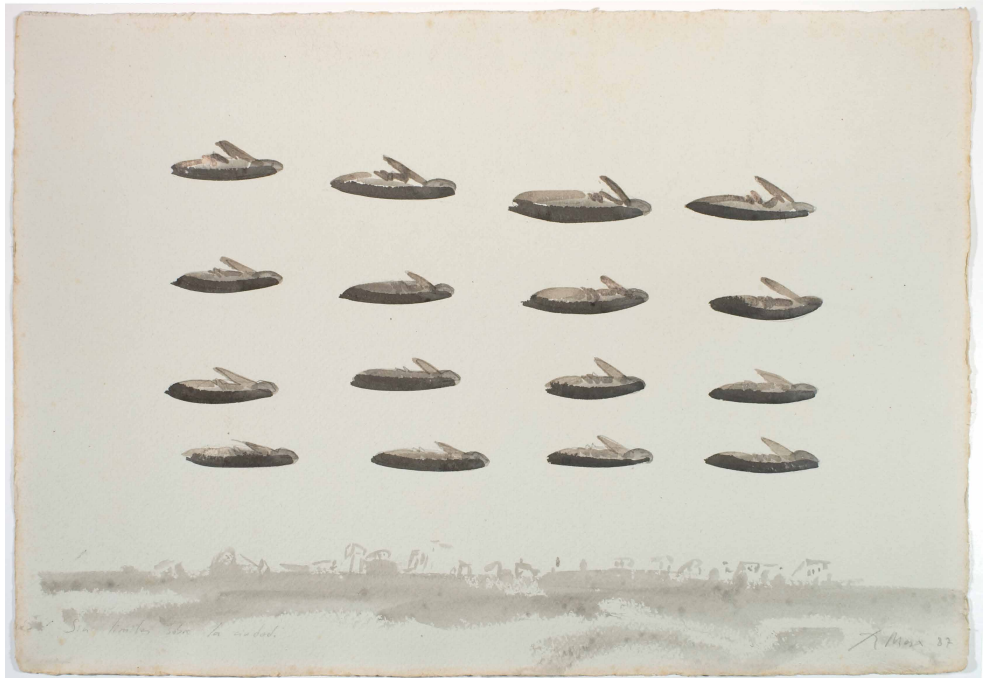
Sem título, 1981

Colagem e tinta sobre papel

Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Rufino Mesa, Badajoz, Espanha, 1948
A Resguarda la palabra, 1989
Grafite e aquarela sobre papel
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Rufino Mesa, Badajoz, Espanha, 1948
Sin limites sobre la Ciudad, 1987
Aguada de nanquim sobre papel
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Patricio Farías, Arica, Chile, 1940

Sem título, 1989

Escultura em terra, madeira e chumbo
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Patricio Farías, Arica, Chile, 1940

Sem título, 1989

Escultura em chumbo, madeira, vidro semitransparente e algodão

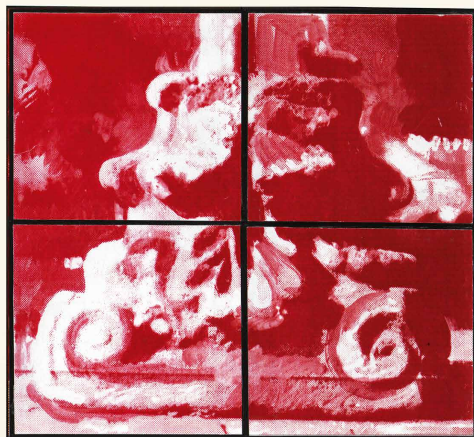
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Patricio Farías, Arica, Chile, 1940
Sem título, 1988
Escultura em chumbo, madeira e terra
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Mauro Fuke, Porto Alegre, 1961
No Ay Shimai, 1983
Madeira, pelo de gado, semente e corda
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB



Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre, 1938
Capitel em Vermelho, 1989
Fotografia a cores e carvão
Coleção da artista



Wilson Cavalcanti, Pelotas, 1950

Ex-Posição 1, 1982

Desenho, técnica mista sobre papel

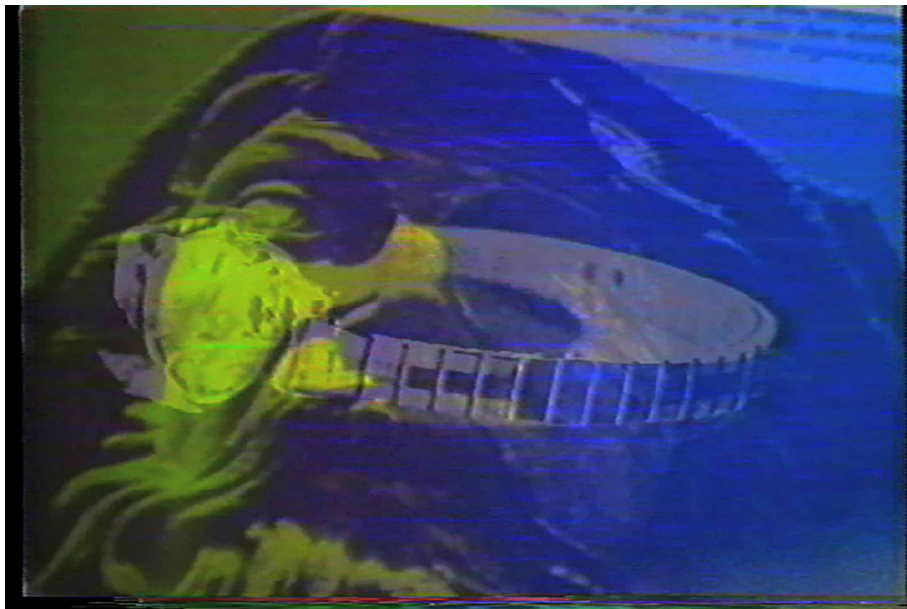
Coleção do artista



TARAVIA '86



Tatiana Pinto, Rio de Janeiro, 1947
Muito, 1986



Romanita Disconzi, Santiago, 1940

Walking Ritual, 1979/1982
Video Synthesis, 4'13"

Walking Ritual, Part II: Prophet, 1979/1982
Video Synthesis, 0'45"

Sapato & Flor, Chant I, 1979/1982
Video Synthesis, 2'27"

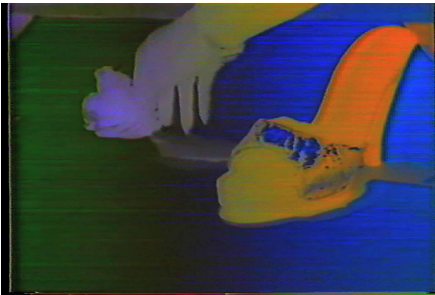
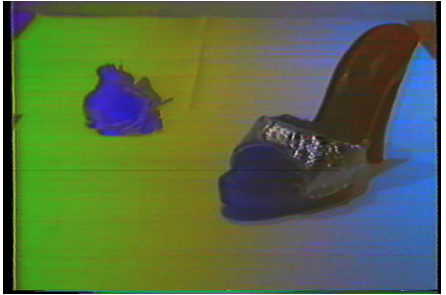
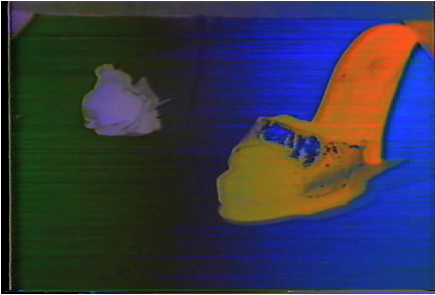
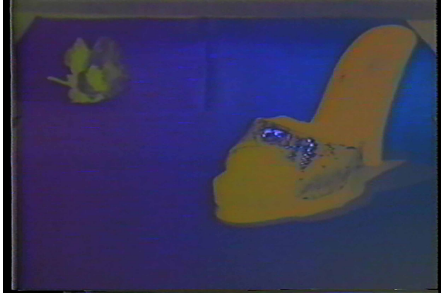
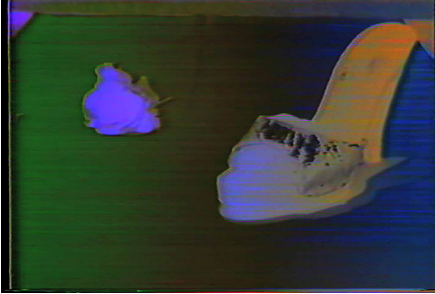
Sapato & Flor, Chant II: Storm, 1979/1982
Video Synthesis, 1'20"

Sapato & Flor, Chant III: Lake, 1979/1982
Video Synthesis, 0'50"

Sapato & Flor, Chant IV: La Comparsita, 1979/1982
Video Synthesis, 1'01"

Como era gostoso..., 1979/1982
Video Synthesis, 7'25"

Coleção da artista





Elaine Tedesco (Porto Alegre, 1963), **Lucia Koch** (Porto Alegre, 1966) e
Marion Velasco (Porto Alegre, 1960)
Mudo, 1988

Videoperformance no Estúdio 88, 01'06"
Coleção da artista Elaine Tedesco



Lenora de Barros, São Paulo, 1953
Homenagem a George Segal, 1974 – 1985
Videoarte, 03'08"
Coleção Artistas Contemporâneos FVCB

WHAT WERE YOU, 80'S?

JOSÉ FRANCISCO ALVES

PhD in art history, member of AICA and ICOM

The 1980s (1980-1989) represented a moment of great effervescence in Brazil and the world, which obviously brought repercussions at the cultural level. A decade that began for Brazilians even moments before, with the country's political opening (August 28, 1979) and the return of the exiled, and that culminated, globally speaking, with the fall of the infamous Berlin Wall (November 9, 1989) and the establishment of a new world order. Thus, there were major changes at various levels compared to the situation in previous decades. The 1980s were the last analog decade, prior to cell phones and the internet – by the middle of the next decade, society was already living the domestic era of computers and internet access via telephone lines; in the artistic world, digital use was already present as a language as well as a means of dissemination.

For Brazilian Popular Music, the 80's were probably its most fruitful period, as a phenomenon associated with protests and as the voice of those who could not express themselves (it was finally possible to listen to songs that had been previously censored). It also reflected the new mood and hope for a better country, not to mention the new rock and roll boom, with young bands. In regard to literature, the period was one of critical recovery, with the emergence of new audiences (especially the youth), and the need to seek

interpretation of what had happened and what would happen next. In this sense, we highlight, in testimonial narratives, *O que é isso companheiro?* (1979), written by Fernando Gabeira, *Feliz ano velho* (1982), by Marcelo Rubens Paiva, and *O amor de Pedro por João* (1982), by Tabajara Ruas. In works of fiction based on personal narratives, there is Caio Fernando Abreu's significant *Morangos mofados* (1982).

In the 1980s, cinema matured with the consolidation and internationalization of the Gramado Film Festival and from directors' diverse experiences from previous decades (Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Arnaldo Jabor, among others). In this sense, new generations of filmmakers overcame the "Embrafilme" stigma, which had "*pornoanchadas*" as its flagship. Names such as Cacá Diegues, Hector Babenco, and Murilo Salles blossomed in the 80's, as well as award-winning alternative productions with Jorge Furtado and Casa de Cinema from Porto Alegre.

In times of a pandemic crisis, and perhaps today we might be in the definite decline of Covid-19, it has been almost forgotten that the 80's brought the nightmare of AIDS, which lingered for almost 20 years to be controlled, and took the lives of artists and intellectuals in Brazil and the world at that time. The visual arts, thus, on both global and local levels, also lost artists in the midst of their tragically interrupted creative and professional careers.

In Brazil, a quite large young audience emerged in the fine arts in the 1980s, mostly due to the increase in university programs in visual arts. In the academic sphere, there was also the beginning of specific postgraduate studies in arts. Institutionally speaking, new museums and cultural centers with space for art sprang up, and Funarte (created in 1975

and enhanced with the creation of the Ministry of Culture in 1985) began to play an important national role through the programs and activities of the National Institute for the Fine Arts (INAP), such as the National Salon of Fine Arts and Macunaíma Project. This INAP context, included as a model, influenced administrations at the turn of the 80's to the 90's, with examples in São Paulo (São Paulo Cultural Center, under the management of Secretary of Culture Marilena Chauí) and Porto Alegre (State Institute of Visual Arts and its most important outcome, the creation of the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul, in 1992).

In the art market, the 80's were marked by a significant number of art galleries and publications (local and national), especially by the creation of galleries focused exclusively on contemporary art (differentiating themselves from the art and antique trade), some of which are still active today. It was almost an understanding, an outline of the national market, with many artists and institutional spaces in tune with the new situation, art galleries, and a new generation of collectors. In Rio de Janeiro, Thomas Cohn Gallery opened in 1983, in the context of the so-called "80's Generation" (Daniel Senise, Luiz Zerbini, Beatriz Milhazes, Leda Catunda, Leonilson, and others), a space focused on painting in a kind of "confrontation" with the conceptual artists. In São Paulo, we can mention São Paulo Gallery (Regina Boni, 1981) and *Galeria Millan* (André Millan, 1986). In Porto Alegre, three galleries created during that period remain open until today, with greater or lesser exhibition activity: *Bolsa de Arte*, founded in 1980 by Roberto Silveira (who settled in São Paulo later and died there this year), Tina Zappoli (formerly called Tina Presser Gallery, founded by Décio and Tina Zappoli), and *Arte & Fato*, founded in 1984 by Milton Pereira Couto (1947-2004)

and Décio Presser. The latter has already emerged imbued with the context of presenting and “debuting” new artists, most of them very young, picked up as novelties in art salons and university courses.

In the 80’s, a new piece in the world art system also appeared in Brazil, becoming quite preponderant: the curator, with São Paulo Biennial being the flagship of the novelty of giving a name to what had already been done for decades by artists, art critics, and managers. In Rio Grande do Sul, curators, as we understand them today, appeared more consistently via MARGS, with Iberê Camargo’s retrospective exhibition called “Trajetória e Encontros” [Trajectories and Meetings], at the end of 1985, when two women, Evelyn Ioschpe and Icleia Cattani, were responsible for the show curatorship; curatorship here understood in the strictest sense, as an exhibition resulting from a *curatorial project* (research and critical organization of the painter’s work, in this case). This show was also the first full-length production created in Porto Alegre, with itinerancy in important places in Brazil, in a significant way and with repercussion, throughout 1986. And all this boiled down to what the context of the 80’s sought in the visual arts: to follow world trends more closely and establish a professional art system, with institutions, schools, publications (periodical magazines of national circulation on newsstands and art books made possible by the Sarney’s Law), and a consistent market. Thus, understanding the impacts of global and local changes on art is always a task to be done, with new contributions and research, especially through exhibitions and their documentation and reflection (catalogs). In an era seen as *vintage* [the 1980s], as many refer to it, one has to identify the aspects that marked the visual arts from that period. At the beginning of this century, as early as 2003 (following the

example of MAM-SP), the “Generation 80” retrospective exhibits began, with a strong nostalgia bias (why not?), in an attempt to understand that period. Among the points of view to reflect on the 80’s, as critical thinking, we can either consider the period as the end of an era (the analog one) or its projection in the subsequent period(s), of intense globalization and ubiquitous connection through technology, as well as the bias of a look at the language itself, since the country was already breathing democratic airs (society was recovering its means, there were new parties, even outlawed ones, new ideas, the democracy’s turn) and art was more liberated from the mission of speaking for those who could not express themselves. Thus, there was a “return” to contributions and matters of language, to the artists’ own investigations as intrinsic concerns of their artistic problems or as the creators’ own response to a certain political, social, institutional, and market context.

For those who lived through the decade, one has the impression, in retrospect, that the production was very intense, especially when taking into account the available means; there is a strong feeling that everything that was done during the period was essential, as many of that time remain, artists in action and their production, even those who left us early, as mentioned before. The already renowned artists who entered the 1980s, as well as those who were born in it, were not “lost” in the following decades: they have been active until today or used to be for a relatively long period. To the best of our knowledge, something different happened in the following three decades (1990–2020), if we envision the enormous available means, resources, and opportunities, the institutions, art schools with their undergraduate and graduate programs, the increase of contemporary art in an important

slice of the art market, resulting in an unprecedented boom of exhibitions and curatorships at full steam, which, in the end, revealed an overwhelming amount of art and too ephemeral artists in scope and performance. Most of the Brazilian art that is produced with consistency, the production that has conquered “international” art, is still, for the most part, the result of the generation that matured and/or was discovered in the 80’s.

In matters of language, there is a consensus that there was a “recovery” of painting in the 80’s. And rightly so, for it began the decade with the impression that its “days were numbered”, as its territory was being given over, little by little, almost irrevocably, to experimentation, conceptualism (why painting, if the idea “can handle it already”?), to installations, photographs, and performances: to the almost certain destination of art dematerialization. At the end of the 80’s, painting presented itself renewed, visceral, focused on the material world of surfaces, with vigorous brush strokes and intense colors, still imposing itself on the market. Among the reasons for this was the aforementioned context of “liberation” of the political making, giving voice to those who could not speak; after all, the long-term dictatorships were brought to an end not only in South America and Eastern Europe but also in Portugal and Spain in 1975, and the changing focus of artists’ responses. These new language concerns/recoveries found themselves present in collective trends, such as the Italian Transavantgarde, and individual expressions, such as Anselm Kiefer and Joseph Beuys.

Painting “survival” and “strengthening” was seen in Brazil symbolized in the 18th São Paulo International Biennial, curated by Sheila Leirner, in which “Grande Tela” [Large

Canvas] was exhibited as a highlight, marking the event in our art history. The "Large Canvas", as the star of the exhibition became known, was a controversial and daring exhibition design, as a result of the curatorial project, displayed in a gigantic hall. Side by side, there were artworks from 48 painters, from young Brazilians (Paulo Monteiro, Nuno Ramos, Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, and Rodrigo Andrade) to already recognized names (Jorge Guinle, Leonilson, Daniel Senise, and Leda Catunda), along with foreign artists, such as Guilherme Kuitca and Paula Rego. This controversial biennial, curated by Sheila Leirner, more than in other events, gave great prominence to large-format paintings, such as the works by Helmut Middendorf, Salomé, Luis Gordillo, and Dokoupil, in addition to the special section dedicated to the Cobra group. Brazil had painting as its star in the shows *Pintura como meio* [Painting as medium] (MAC-USP, 1983), "*Como vai você geração 80*" [How are you, 80's generation] (Laje Park, Rio de Janeiro, 1984) and, after the 18th Biennial, the exhibition "*Imagem de Segunda Geração*" [Second Generation Image] (MAC-USP, 1987).

Although painting in Brazil was reinvigorated in the period, as we could see, the 1980s can be considered a "sculptural decade". Brazilian sculpture [and installation] also proved to be reinvigorated, with a generation of consolidated weight, such as Cildo Meireles, José Resende, Waltercio Caldas, Tunga, Iole de Freitas, Ivens Machado, and Carlos Fajardo, along with youngsters like Nuno Ramos and Ângelo Venosa. Sculpture and installation appeared with new visibility, multiple forms, and non-traditional materials, sometimes taking over the space in an ambiguous way - interacting with painting and other languages, often with an object vocation. As a matter of fact, not by chance, this was the theme of a

recent exhibition (October 2021), promoted by Serralves Foundation, located in Porto, Portugal, with the theme - and under the title - "The Return of the Object: Art of the 1980s in the Serralves Collection". Nonetheless, the first place in the 11th National Salon of Plastic Arts (1989) went to Paulo Pasta's painting, which closed the 80's with a certain degree of polemic around this very event.

Photography in the 80's continued to gain space, which had already been happening since the previous decade, a language that also, gradually, started to be used by a large number of young people. To have an idea, at the Institute of Arts of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), in that decade, there was a *qualification* in Photography in the Bachelor's Degree in Plastic Arts, at the same level as Painting, Sculpture, Ceramics, Printmaking, and Drawing, fields that were extinct, giving way in 2007 to a generalist Bachelor's Degree in "Visual Arts". The dissemination of more accessible video equipment in the 1980s (VHS and the like) also broadened the possibilities of the media, from more professional editions and productions to studio experiments, with the irresistible attraction of image and sound becoming established in the visual arts.

Drawing and printmaking in the 1980s also remained strong, gaining even more space, both institutionally and in the art market, with more recognition and an increase in individual exhibitions in these languages - in museums and commercial galleries, as well as in specific national and international art salons, made easier by sending the works even by mail. One of the most important promotions held in Rio Grande do Sul in the 1980s by MARGS was the most important (and controversial) drawing salon ever held in Brazil to date - the

Salão Caminhos do Desenho Brasileiro [Salon of Brazilian Drawing Paths] (1986) - whose first prize went to Tunga.

The exhibition entitled **80's**, produced and presented by FVCB, seeks to revive exemplary productions that marked the period, based on works from its collection (including the debut of recent acquisitions) and works on loan from collections and the artists themselves. Most of them are works by Brazilian artists who dealt with these and other issues of the period, but also by foreigners living here or somehow connected to Brazil

One of them is Rufino Mesa, a Spaniard who also stands out in his country for his sculptural production, and who presents two drawings, one of them being a project of what would become one of the numerous sculptures of the *Ocultaciones* series. Another work in drawing that makes up the show is *Adão*, by Carlos Pasquetti, where all the characteristics of humor and strangeness that have accompanied his entire career are already present. Elaine Tedesco, with large-format drawings and exceptional graphic quality, as well as Elida Tessler's graphics.

At the entrance to the exhibition space, a painting on paper by Iberê Camargo is very well accompanied by two paintings from the series *Macios* by Anna Bella Geiger. On the exhibition ground floor, where paintings and sculptures are almost exclusively displayed, an exception is made when an iconic screen print by Rubem Valentim is presented. A lithograph by Antonio Dias was installed on the stairway leading to the upper floor (mezzanine).

On the mezzanine area, Wilson Cavalcanti appears with an expressionist abstract drawing, Mario Azevedo with a small celestial landscape in shades of blue, Anna Barros,

with objects in plastic and fabric, and Michael Chapman, with a composition of repetitive rhythms in a drawing and collage. In a double showcase, an accumulation of small paintings on paper by Lenir de Miranda, with her recurring theme of Ulysses' adventures. Also on the mezzanine, there are engravings by Maria Lucia Cattani and Regina Ohlweiler, a papier-mâché sculpture and a drawing with feminist content by Magliani, two figurative paintings on paper, with strong chromaticism, by Mário Röhnelt and Milton Kurtz, as well as paintings by Romanita Disconzi and Tatiana Pinto.

Returning to the ground floor, we have a stripped-down painting on corrugated cardboard by Alfredo Nicolaiewsky, an oil painting by Alphonsus Benetti, an acrylic work by Ana Alegria, of great formal and chromatic balance, the graffiti paintings in red and black by Frantz, two sensitive works from the series of wolves by Heloisa Schneiders da Silva, and a diptych in red by Karin Lambrecht. Maria Tomaselli has one of her large-format paintings, where she mixes human figures with fantastic animals.

Regarding the presence of sculpture in the exhibition, we can mention: Alberto Luz, from Santa Catarina, with appropriation and intervention in a mannequin's leg; Luiz Gonzaga, with a female figure in resin; Mauro Fuke, with an object built in wood and other materials; Patricio Farías with his unusual constructions of a new object/sculptural order; lone Saldanha, with the ambiguity of an object/painting in one of her laths, and almost the same would be said of Hamilton Galvão, with a wall work that mixes object and painting. Sonia Moeller presents a textile object (paper folding), a very promising language in the 80's, both in Rio Grande do Sul and Uruguay, and Vera Chaves Barcellos, in

one of her iconic lines of work, the photographs manipulated in a montage with other elements, in the case of this show, in conjunction with light and charcoal.

The tour is completed in Sala dos Pomares [Orchards' Room], an environment intended for the exhibition of audiovisuals, with videos by Lenora de Barros and Romanita Disconzi, as well as those by the triad Elaine Tedesco, Marion Velasco, and Lucia Koch.

Thus, the **80's** exhibition comprises a total of 48 works that illustrate the multiplicity of languages, the plastic interests, and the changes in the national and global context that marked the decade. This show, seen now in retrospect and at a sufficient distance for an analysis, attests to the artistic contributions that reverberate with force and still represent us today.



CATÁLOGO 80'S

Organização e Produção
Katiana Ribeiro

Texto
José Francisco Alves

Revisão
Henrique Guerra

Tradução
Carolina Paz

Fotografias
Leopoldo Plentz e
Acervo FVCB

**Design Gráfico e
Diagramação**
Carolina Kempfer

Impressão
Gráfica Ideograf

EXPOSIÇÃO 80'S

Sala dos Pomares
19 de março a 29 de
outubro de 2022

Curadoria
Vera Chaves Barcellos

Textos
José Francisco Alves

Expografia
Fernanda Porto Campos

Montagem
Nelson Rosa e equipe

Design
Carolina Kempfer

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Diretora Presidente
Vera Chaves Barcellos

**Presidente do Conselho
Deliberativo**
Patricio Farias

Diretora Cultural
Bruna Fetter

Diretor Administrativo
Carlos Renato Hees

**Gestão de Projetos e
Produção**
Fernanda Porto Campos
Katiana Ribeiro

Comunicação
Katiana Ribeiro

Programa Educativo
Margarita Kremer
Yuri Flores Machado

**Centro de
Documentação e
Pesquisa**
Amanda Patron
Yuri Flores Machado

**Reserva Técnica /
Acervo Artístico**
Fernanda Porto Campos
Marília Frozza
Yuri Flores Machado



Administração e Centro de Documentação e Pesquisa
Av. Julio de Castilhos, 159 / 6º andar | CEP 90030-131
Porto Alegre – RS | Brasil | +55 (51) 3228.1445
info@fvcb.com | arquivo@fvcb.com

Sala dos Pomares e Reserva Técnica
Av. Senador Salgado Filho, 8450 | CEP 94440-000
Viamão – RS | Brasil | +55 (51) 98229.3031
acervo@fvcb.com

ISBN: 978-65-993215-6-6

CDL



9 786599 321566



fundação vera chaves barcellos